

QUEM QUER
FICAR,
QUEM QUER
PARTIR

N.E.: Por questões estilísticas,
a autora utiliza alguns
neologismos e expressões
hifenizadas que não são
registradas no Vocabulário
Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Quem quer ficar, quem quer partir

© Marcia Kupstas, 2016

Gerência editorial Kandy Saraiva

Edição Andreia Pereira

Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

Arte

Ricardo de Gan Braga (superv.), Narjara Lara (coord.) e Thatiana Kalaes (assist.)

Projeto gráfico Elisa von Randow

Ilustrações Bernardo França

Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.) e Laura Vecchioli

Iconografia

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito das imagens p. 5, 175, 176 e 177: acervo pessoal; demais fotos: Renato Parada

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Kupstas, Marcia, 1957 –

Quem quer ficar, quem quer partir / Marcia Kupstas ; ilustrações
Bernardo França. — 1. ed. — São Paulo : Ática, 2016.

ISBN 978-85-08-18198-8

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. França, Bernardo. II. Título. III. Série.

16-34549

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Código da obra CL 739841

CAE 595201

2016

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:



editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2016

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros — São Paulo — SP — CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 / atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



MARCIA KUPSTAS

QUEM QUER
FICAR,
QUEM QUER
PARTIR

Ilustrações de Bernardo França

ea

editora ática



COMO LEITORA, ADMIRO histórias que se estruturam em dois tempos narrativos, com personagens que, no tempo atual, refletem sobre ou questionam o que foram na infância, por exemplo. Desde o princípio, tinha essa meta na escrita de *Quem quer ficar, quem quer partir*, que fora publicado anteriormente como *A gente matou o cachorro?*

A pergunta do título era incômoda e reduzia a problemática do enredo, porque as protagonistas DENISE, DÁLIA e LÚCIA (cuja sigla DEDALU define a amizade extremamente próxima das amigas) têm muito mais questões a resolver com o passado do que a que envolve o destino de um cachorro.

A cidade das meninas corria o risco de ser inundada por uma hidrelétrica, suas famílias eram problemáticas, uma menina era tímida, outra era furiosa, outra era insegura... O reencontro de DEDALU adultas consolidou a superação das dificuldades, seja na família, na carreira ou na comunidade. Porém, ainda havia feridas para cicatrizar, e o enterro da professora Madu, figura marcante na infância delas, foi o momento de transcender suas diferenças e reaver sentimentos muito bonitos e significativos na vida das três mulheres.

Há vários elementos autobiográficos na infância de DEDALU. Foi uma revelação, para mim mesma, lembrar de onde morei na infância, como convivia na escola, as brincadeiras que fazia com colegas... Talvez você também tenha algo como DEDALU na sua vida, ou perceba que superar mágoas do passado é o melhor modo de se conviver consigo hoje, de modo mais sereno e feliz.

Boa leitura!

Marcia Kupstas



SUMÁRIO

PARTE 1 – O LONGO DIA

I. VOZES QUE VOLTAM	13
II. SEIS CACHORROS E UM GATO	27
III. A NOVA PEDRA ALTA	36
IV. AS MAMONAS ASSASSINAS	47
V. VINTE ANOS DE JEIUM	58
VI. MADU E O RESGATE DE PEDRA ALTA	65
VII. OLHOS ESTRALADOS	77
VIII. MOVIMENTOS NO TABULEIRO DE JOGO	86

PARTE 2 – A LONGA NOITE

IX. GATA QUE JANTA O RATINHO	95
X. A VINGANÇA DE DEDALU	103
XI. MADU CONFIDENTE	113
XII. O DIA DE SOITAR OS CACHORROS	120
XIII. FIÓTE DI CAPETA	132
XIV. O DIA DE NUNCA ESQUECER	139
XV. NINGUÉM SALVA NINGUÉM?	150
XVI. QUEM QUER PARTIR	156
XVII. QUEM QUER FICAR	165
OS SONHOS DE MARCIA KUPSTAS	175

**A todos os meus colegas de infância
e juventude, do Colégio São Miguel
Arcanjo e do CEPAM (Colégio
Estadual Prof. Américo de Moura).
Aos meninos e meninas que fomos
e aos sonhos que tivemos.**

PARTE 1 - O LONGO DIA

**“A recordação é a esperança do avesso.
Olha-se para o fundo do poço, como se
olhou para o alto da torre.”**

GUSTAVE FLAUBERT

I. VOZES QUE VOLTAM

— DENISE? É VOCÊ, não é, Denise?

Era uma voz do passado. Parecia que a vida inteira Denise esperou por aquele telefonema, mas preferiu agir como se não reconhecesse a voz e perguntou:

— Alô? Com quem quer falar?

E a voz repetiu:

— Você sabe quem é. Não sabe, Denise?

Sabia. E porque *ela sabia*, sentiu o medo fino e frio. Como se ainda tivesse 13 anos, como se ainda tivesse medo daquilo que haviam feito. Ela e a outra menina. Ela e *aquela*, a amiga, a...

— Dália — disse o nome, afinal.

Olhou para o rádio-relógio na cabeceira, que marcava 6:07, poucos minutos antes de tocar. Por um instante, Denise se agarrou à possibilidade de ser um sonho. Que o telefonema era um daqueles ensaios imaginários, quando a pessoa teme tanto um confronto que se protege antecipando perguntas e respostas.

Mas, como sempre, Dália a desarmou. Nada de perguntas. Nada de dúvidas ou ensaios. Sua risada foi inconfundível:

— Ah, Denise, que bom pegar você em casa! Tive medo de que já tivesse saído. Para o trabalho, quem sabe.

Denise explicou, deu o ritual:

— Às 9:00 eu abro a loja. Mas antes tem o café da manhã das meninas, depois levo as duas até a escola e...

Outra gargalhada.

— Você casou! Você tem filhas, Denise!

Mordeu os lábios, irritada em perceber que se justificara antes mesmo de perguntar o que ela queria. Tentou ser adulta e isso resultou em mais obviedade:

— O tempo passou, Dália.

Rapidamente Denise fez a contagem. E foi um choque maior ainda perceber que não se falavam há mais de vinte anos. Pensar que ainda podia ficar assim, incomodada e na defensiva, como se dependesse da opinião da amiga! Antes que Denise pudesse controlar a conversa e perguntar motivos, Dália se adiantou:

— A Madu morreu.

Neste momento o rádio-relógio disparou numa música alta. Denise cutucou o marido para que desligasse o aparelho e retornou à conversa:

— A Madu? Nem soube que estava doente.

Um suspiro fundo. A voz de Dália ficou mais contida:

— Denise, você não sabia dela porque nunca mais voltou a nossa cidade. Aqui, em Pedra Alta. A Madu estava com 68 anos, nunca cuidou muito da saúde, trabalhava em tudo que era projeto, nem comia ou dormia direito, teve um infarto. Ainda ficou uns dias internada e nesta madrugada morreu.

Denise repetiu:

— Morreu.

Alfredo sentou na cama, desperto:

— Morreu? Quem morreu, Denise? O que...

Denise tapou o bocal do fone, explicou pra ele:

— Uma professora de quando eu era criança, você não conhece, dá um tempo.

Alfredo evitou fazer barulho e seguiu para o banheiro. Denise sentia a raiva e a irritação crescendo em seu peito, mas não era com ele, era consigo... Por que a defensiva, a sensação de cobrança? O que Dália queria, afinal de contas?

Finalmente ela disse o que queria:

— Vai ser um velório solene, a Prefeitura cedeu a Câmara dos Vereadores. O enterro será no final da tarde. Queria muito que você comparecesse, Denise. A Madu merece. Você devia vir.

Pela primeira vez Denise sentiu algum alívio com aquela esdrúxula conversa matinal. Quase sorriu, falou com segurança:

— Claro que a Madu merece toda homenagem, foi uma professora maravilhosa, fico até comovida pelo convite e por você lembrar de me avisar, Dália. Eu bem gostaria de ir, mas o enterro é hoje? Em Pedra Alta? É impossível chegar a tempo.

— Que nada. O voo pra Pedra Alta sai de Congonhas às 11:50, Aviação REVOAR.

— Avião? Voo? Pra Pedra Alta?

A risada de Dália, mais característica que nunca, veio antes de dizer que:

— Quem diria, hem? Pedra Alta com aeroporto! Verdade que aqui só desce aviãozinho a caminho do Paraná e com um monte de escala, mas tem avião uma vez por dia. Eu espero você no aeroporto. O voo chega no começo da tarde.

— Isto não é possível, Dália!

— Ora, você disse que bem que gostaria de vir!

— Falei por falar. Nem sei. E, depois, teria de comprar passagem, isso é caro. Não dá pra fazer essa despesa assim de repente!

— Não seja por isso. Tem uma reserva em seu nome, quer dizer, coloquei no nome de solteira, Denise Baraldino, mas é só você corrigir no balcão com seu nome de casada. O nome de seus pais eu sabia e não tem como mudar em RG, né mesmo?

— Como você pôde fazer uma coisa dessas, Dália? Você comprou uma passagem pra mim?

— Não, não comprei, espertinha. É cortesia. A companhia cede uma quota mensal para a Câmara dos Vereadores de Pedra Alta. E adivinha quem é a presidenta da Câmara, neste mandato? A sua amiga aqui.

Ela ria, tão sedutora e satisfeita, como uma gata que jantou o ratinho. E passou pela cabeça de Denise, num flash, que aquela frase — *satisfeito igual gato que jantou o rato* — era um dos seus bordões, uma das frases de efeito que costumava usar, quando eram crianças.

Dália desconsiderou o seu silêncio, prosseguiu:

— Fiz reserva pra você e pra Lúcia, mas ela nem precisou de avião. A Lúcia! Ela também vem pro enterro, Denise! Não é bárbaro?

— Lúcia...?

— Você lembra da Lúcia, não lembra, Denise?

Denise lembrava? Lembrou de algo dolorido, um nome e a imagem de um rosto pálido, muito pálido, de menina loira e frágil se afastando das duas, fazendo um “tchau” com uma mão sem olhar pra trás e sua outra mão segurava em alguém. Quem? Uma figura alta. Ameaçadora. Oh, Deus, por que pensar nisso? Ameaçadora? Por que esse fiapo de lembrança doeu tanto em seu coração? Nomeou:

— Lúcia era a terceira amiga. — a sigla surgiu nos lábios de Denise.
— Nós éramos as DEDALU.

— Isto! — a voz mais aguda no telefone. — Você lembrou! Era DE de Denise, DA de Dália, LU de Lúcia, DEDALU, as amigas inseparáveis! Ah, ah!

Denise passou a mão na testa, sentiu o suor frio. Apertou os dentes no fundo da boca e, com medo das coisas horríveis que esperava ouvir como resposta, perguntou:

— A Lúcia... O que aconteceu com ela?

— A Lúcia? Será possível que você não saiba o que aconteceu com a Lúcia, Denise?

— A-aconteceu?

— A carreira dela é um sucesso! Foi difícil localizar, está em turnê. Até ia deixar uma passagem pra ela no Santos Dumont, ela mora no Rio, mas por incrível que pareça está no Paraná, até numa cidade perto daqui. Vem direto pra Pedra Alta, de carro, chega a tempo do enterro.

— Carreira? Turnê?

— Denise, não me decepcione! O Brasil todo sabe quem é a Lúcia, quer dizer, todo mundo conhece a cantora Kateryna, o nome artístico que ela escolheu.

— A Lúcia, a nossa Lúcia, é a Kateryna? Aquela cantora sexy, a Dama Loira do Axé Romântico?

Um suspiro, um gemido, um bufado pelo telefone, a voz ficou mandona:

— Denise, em que mundo você anda? Não percebeu o que a sua amiga de infância conseguiu? Que a Lúcia fez o que Deus criou para ela fazer, usar aquela voz maravilhosa dela, expressar aquele talento incrível de inventar música, criar letras e canções, tudo isso ela conseguiu, ela conseguiu, entendeu? A Lúcia é a Kateryna e ela vem, ela vem para o enterro da Madu, e acho, sim, que você precisa vir também, Denise.

“Uma ordem?”, pensou Denise. É isso que aquela criatura fazia, vinte anos depois. Telefonava quase de madrugada para *dar ordens*? E como aquilo lhe pareceu familiar! Como se ela ainda fosse a amiga bobinha, que obedecia a voz de comando de Dália e agia — mesmo quando faziam coisas horríveis — só porque ela mandava.

Fosse por raiva ou medo ou fosse culpa, Denise se sentiu tão acuada que gritou:

— VO-VOCÊ NÃO PO-PODE FAZER ISSO! Que-que direito você tem, de me pro-procurar assim?

Gaguejava, Deus, como podia ser isso, gaguejava com 12-13 anos, e não agora, nunca agora! “Ela não vai fazer isso comigo de novo, *de novo*, não, DÁLIA, por que você me procurou, o que você...”

— Denise, calma. Você não tem motivo para ficar deste jeito. Eu, sim, tenho de pedir perdão a você. E quero, *preciso fazer* isso cara a cara. Você não tem culpa de nada.

“Culpa?”, pensou. “Esta mulher agora lê as mentes?”, porque vagamente Denise entendia isso, sim, muito da sua irritação era culpa... mas do quê? E perdoar Dália? Mas o que fizeram?

Dália respondeu a esta dúvida também:

— A gente não matou o cachorro, Denise.

— O quê-quê...?

— Você me ouviu. A gente não matou o cachorro!

Silêncio.

E lembranças. *Flashes* e cenas na cabeça de Denise, em velocidade de carro de corrida. Mil imagens procurando estradas certas... e sons, cheiros, fragmentos do quê? Viu uma praça, a cruz da igreja, bandeirinhas de quermesses; crianças sentadas, aulas, a escola-galpão, um olho brilhante e escuro de garota; boca em risada, boca fechada, o riso frágil de menina loira, voz em agudo (era música, era grito?). Um quintal mal-ajambrado com chão de barro e trechos empilhados rentes ao muro, latidos, muitos cães em volta de um velho, *mas não via um cadáver de cão!* Ramas e árvores em sombra, cheiro de mato lavado, caminho entre grama alta, vozes vozes tantas vozes... com muito esforço firmou a atenção pra identificar a adulta Dália dizendo:

— Você lembra do cachorro, não lembra, Denise? O nome dele era Capitão. Era o cachorro do seu avô e depois ficou com a Lúcia.

— E-eu. — Apertou a testa, que latejava. — Não lembro.

— Então, querida, mais do que nunca você precisa vir a este enterro. Tem muita coisa de que você precisa lembrar. E desligou.



— Não é possível! Como é que Denise não lembra?

Dália desligou o telefone com mais força do que pretendia. Não sabia se ficava aliviada ou com raiva por Denise não se lembrar. Preparou-se tanto para a conversa e no fim... Tamborilou sobre a mesinha de mármore, depois apertou os olhos com os dedos. Deus, como estava cansada! Teria tempo para um cochilo? Por um instante pensou em deitar, deixar tudo aquilo de lado. Desde a internação de Madu que não dormia mais de quatro horas por noite. Todo o estresse no hospital, a atenção com a doente, as conversas. Madu não morreu sem se despedir, sem tomar as últimas decisões. Estava lúcida para isso.

Lúcida... Lúcia. O trocadilho veio imediato à lembrança. E nome-puxou-nome. “Como ela não lembra?...”, murmurou. Se Denise não lembrava, o que Lúcia lembraria da infância em Pedra Alta? Lembranças mornas, coisas comuns que o tempo transformou em alegria? Ou o horror, a latente tragédia que parecia um pêndulo sobre a cabeça dela e da sua família?

A mão de Dália desceu dos olhos para a boca, esticou o lábio superior como se formasse um bico. Um gesto de infância e nem se deu conta de que fazia isso. DEDALU. Depois de tanto tempo. Amigas eternas. Unidas novamente.

Foi preciso um enterro para que aquilo acontecesse. Para que a verdade surgisse e a eternidade daquela amizade se pusesse à prova.



Denise só percebeu que segurava um telefone mudo quando Alfredo voltou ao quarto. Saiu do banheiro enrolado na toalha e tocou em sua mão, libertando dedos tão grudados no aparelho que as juntas estavam brancas.